

A PANDEMIA DE COVID-19 E A POESIA BRASILEIRA: REFLEXÕES A PARTIR DE POEMAS DE RAQUEL REIS E JOÃO ANTÔNIO CAVALCANTI

THE COVID-19 PANDEMIC AND BRAZILIAN POETRY: REFLECTIONS FROM THE POEMS BY RAQUEL REIS AND JOÃO ANTÔNIO CAVALCANTI

Leandro Noronha da FONSECA¹

RESUMO: O artigo busca compreender, por meio de análise literária, como as experiências da recente pandemia de Covid-19 têm sido representadas na poesia brasileira contemporânea. Foram selecionados os poemas “XXII”, de Raquel Reis (*A dor cotidiana*, 2021), e “Abertura”, de João Antônio Cavalcanti (*A era das manadas*, 2021). De modo geral, os poemas são revestidos de uma dimensão social que abarca a crítica aos impactos negativos da crise sanitária, aos altos índices de mortalidade e ao governo brasileiro. Por outro lado, as obras também são perpassadas por uma dimensão interiorizada, de expressão da subjetividade de um eu lírico atravessado pela incerteza, a aflição, a impotência, e os sentimentos de perda e de impossibilidade. Destarte, a análise fornece alguns indícios de como a poesia brasileira tem elaborado a experiência da Covid-19, de maneira a contribuir com futuras pesquisas nos Estudos Literários e em outros campos do saber.

PALAVRAS-CHAVE: Covid-19. Poesia brasileira contemporânea. Pandemia. Doenças.

ABSTRACT: The article seeks to understand, through literary analysis, how the experiences of the current COVID-19 pandemic have been represented in contemporary Brazilian poetry. The poems selected to be analyzed were “XXII” by Raquel Reis (*A dor cotidiana*, 2021) and “Abertura” by João Antônio Cavalcanti (*A era das manadas*, 2021). In general, they are covered with a social dimension that includes criticism about the negative impacts of the health crisis, high mortality rates, and the Brazilian government. On the other hand, these works are also permeated by an internalized dimensional, an expression of the subjectivity of a poetic persona crossed by uncertainty, affliction, impotence, and feelings of loss and impossibility. Thus, the analysis provides some evidence of how Brazilian poetry has elaborated the COVID-19 experience, in order to contribute to future research in Literary Studies and other fields of knowledge.

KEYWORDS: COVID-19. Contemporary Brazilian poetry. Pandemic. Diseases.

Introdução

No ensaio “Sobre estar doente” (*On Being Ill*), originalmente publicado em 1930, Virginia Woolf (2021) considera a doença como um fenômeno que promove transformações no espírito e mobiliza as mais profundas camadas da subjetividade humana. Diante da expressiva influência das doenças na vida social, a escritora se surpreende com o fato de que elas não tenham ocupado, na literatura, o mesmo espaço ao lado de outras grandes temáticas como o

1. Doutorando e Mestre em Letras com ênfase em Estudos Literários, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: leandro.noronha@ufms.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8863-5013>.

amor, as guerras e o ciúme. Aos olhos da autora de *Mrs. Dalloway*, as “grandes guerras” travadas pelo corpo durante o adoecimento são negligenciadas pela literatura, que tenderia a enfatizar a mente em detrimento do corpo.

Na literatura, as doenças podem não ter o mesmo espaço privilegiado que outras temáticas, como apontado por Woolf (2021), mas não foram completamente ignoradas pelos escritores. O adoecimento mobiliza uma série de sentimentos, tais como o medo, a angústia e a morte. Para além disso, mobiliza também a criação literária, por uma intenção de denúncia ou crítica social, ou para expressar uma subjetividade diante de questões profundamente humanas, já que, “mais do que qualquer outro, o escritor está atento a ele mesmo e às modificações das sensações e sentimentos experimentados por ocasião da doença” (LAPLANTINE, 2010, p. 24).

Na ordem da vida, estar doente ou se ver impactado, direta ou indiretamente, pela doença é um destino inexorável do ser humano. A doença é a “zona noturna da vida”, como escreve Susan Sontag (2007, p. 11), esse lugar em que eventualmente as pessoas se encontrarão algum dia, ainda que a contragosto. Diante da inevitabilidade da enfermidade, e da significativa carga humana que ela pode acarretar, é possível afirmar que o escritor pode encontrar na experiência do adoecimento material profícuo para a elaboração literária.

A literatura é expressão humana, pois seu feitiço possibilita o acesso ao universo do sensível, do subjetivo e da complexidade dos sujeitos; ainda, o acesso a uma individualidade entrecruzada com determinado tecido social, ou seja, é uma expressão artística que está em diálogo com a realidade social e cultural circundante. O escritor, enquanto ser humano, sujeito dotado de complexidades e subjetividades, não está imune à História. Como aponta Alfredo Bosi (1977, p. 121), em reflexão sobre o gênero poético, “o poeta é o primeiro a dar, pela própria composição do seu texto, um significado histórico às suas representações e expressões”.

Por outro lado, a literatura expressa a sua carga humana e histórica por meio de uma série de recursos estéticos que dão forma ao texto literário. Portanto, a literatura é expressão humana e também estética, por lidar com uma organização e intencionalidade específicas. Sobre esse tópico, Nelly Novaes Coelho (1980) compreende a literatura como um sistema de signos, cujo corpo é a matéria verbal, organizada em frases, discursos, ritmos e estrofes. A existência e a significação da obra literária são dadas pelo escritor, cuja criação transforma, de modo englobador, a manifestação subjetiva em um sistema de sinais. Nas palavras da autora, “literatura, pois, é a expressão verbal artística de uma experiência humana” (COELHO, 1980, p. 29).

Maria Izabel Branco Ribeiro (2012, p. 64) – cujos apontamentos partem das artes visuais, mas contribuem para a reflexão acerca da tematização das doenças na literatura – esclarece que as artes e as ciências possuem diferentes especificidades. Enquanto a ciência busca a cura para as doenças, investigando suas causas e dinâmicas próprias, a arte envereda por perspectiva distinta: “descrevem-nas como o encontro com o desconhecido, com o destino inexorável, com situações além do controle, com os imponderáveis, com o medo, com a dúvida, ou com a esperança”. Nesse sentido, a arte se ocupa das relações entre o ser humano e as doenças, a partir das

sensibilidades do período histórico em que o artista está inserido. São relações abordadas pela perspectiva da saúde, do desejo de cura, do sofrimento, da finitude da vida, dentre outros sentimentos mobilizados pela ocasião do adoecimento. Assim sendo, completa a autora: “entidade abstrata e, portanto, impossível de ser configurada por si, as doenças são retratadas por alegorias, manifestação de sintomas, estigmas sociais, aspectos da cultura popular ou convenções” (RIBEIRO, 2012, p. 64).

Tendo em vista que a literatura é a “expressão verbal artística de uma experiência humana”, nos termos de Coelho (1980, p. 29), e que o escritor fornece um significado histórico às suas expressões através da composição verbal, conforme pontua Bosi (1977), é possível apontar que a doença, enquanto experiência humana, passa por um processo estético ao ser atravessada pelo campo artístico e, em específico, o literário, dado na própria matéria verbal e a partir da consciência histórica e das incursões estéticas do autor e de sua época. A arte se ocupa das relações subjetivas entre o homem e as doenças, de acordo com Ribeiro (2012), e, na poesia, versos, rimas, ritmos, sonoridades e figuras de linguagem atuam para a caracterização da doença e das experiências dela vivenciadas pelo ser humano. Portanto, experiência humana, consciência histórica e projeto estético mesclam-se na formação de uma obra literária.

As doenças acompanham a humanidade ao longo dos séculos provocando, por meio de surtos, epidemias e pandemias, uma série de questões de ordem social, política, cultural, econômica e religiosa. E essas questões, em alguma medida, encontram-se presentes na literatura. Os impactos das doenças e a experiência do adoecimento foram representadas em uma amplitude de obras literárias; e vastas são também as formas com que essas questões foram trabalhadas esteticamente e discursivamente. A peste bubônica em textos bíblicos; a presença da tuberculose em romances do século XIX; a tematização da gripe espanhola em obras modernas e contemporâneas; as representações da epidemia de HIV/aids na prosa e na poesia; e a metaforização das doenças como denúncia e crítica social são alguns aspectos que panoramicamente evidenciam que o adoecimento foi, ao longo dos séculos, retratado por uma diversidade de gêneros e recursos literários (FONSECA, 2022).

Na empreitada de tecer considerações sobre a experiência da enfermidade e a literatura, Virginia Woolf (2021) considera a poesia o gênero literário mais convergente com as doenças. Do ponto de vista da fruição literária, a autora reconhece na prosa uma dificuldade de leitura e compreensão decorrente do estado doente. O comprometimento das faculdades cognitivas no adoecimento dificultaria a leitura, por exemplo, de um romance, que exigiria um nível mais complexo de fruição. É do poeta, por outro lado, a incumbência de “imaginar por nós” e de “conceber Paraísos”. A suspensão da razão, do senso crítico e do bom senso, ocasionada pela fragilidade do doente, possibilitaria o contato mais profundo com a sensibilidade poética, tendo em vista a “qualidade mística” que as doenças adquirem na ocasião da enfermidade.

Com exceção das considerações sobre adoecimento e fruição poética, que são matéria para outras investigações teóricas, a relação que Virginia Woolf (2021) estabelece entre a do-

ença e a poesia desperta, no presente artigo, o interesse de responder – ou ao menos esboçar caminhos à resposta – a uma dúvida particular: como a poesia e os poetas brasileiros têm olhado para a Covid-19, um fenômeno fortemente contemporâneo e global? Tal questionamento se mostra pertinente ao se considerar a relevância dessa recente pandemia, dotada de inúmeras complexidades. Os primeiros casos de infecção pelo vírus SARS-CoV-2 foram notificados em dezembro de 2019 no continente asiático, mas a situação é considerada como “pandemia” pela Organização Mundial da Saúde em março de 2020. Os altos índices de infecção e de mortalidade foram uma realidade em diversos países, incluindo o Brasil. A configuração da pandemia a coloca como um dos mais importantes fenômenos de saúde pública mundial: “a pandemia em curso representa o maior acontecimento sanitário ocorrido no mundo desde a gripe espanhola de 1918 e apresenta efeitos ainda mais catastróficos que a pandemia do HIV/aids nos anos 1980” (BIRMAN, 2021, p. 14).

Em setembro de 2020, o *Suplemento Pernambuco*, uma das principais revistas literárias do país, dedicou a sua edição n. 175 à pandemia de Covid-19. O artigo de capa é assinado por Cristhiano Aguiar (2020), escritor e pesquisador que tem se dedicado à investigação dessa temática na literatura nacional, com olhar atento para as produções em prosa. Nele, o autor destaca que a literatura possui relevância no entendimento sobre a pandemia: “Porque é a arte da palavra. E em direção à palavra convergem nossa humanidade, nossa percepção dos sentidos da enfermidade e da saúde, nossa estupefação diante tanto do nascimento da vida quanto das sombras da morte” (AGUIAR, 2020, p. 12).

Os impactos da pandemia não são apenas de ordem biomédica, eles tocam em profundas questões humanas. Como afirma Aguiar (2021, p. 195), em outro artigo, “um vírus, a percepção e o entendimento de um vírus e das possíveis doenças que ele possa vir a causar, nunca se esgota numa dimensão bioquímica e biológica”. E, como já apontado, as questões humanas, como as doenças, são matéria para a criação literária. Em entrevista ao jornal *O Globo*, o crítico e poeta Italo Moriconi (2021) chamou de “literatura da pandemia” a produção literária que, de algum modo, tematiza a atual Covid-19; ela é veiculada em *blogs* e redes sociais, mas também publicada por pequenas ou grandes editoras, e busca retratar a experiência da pandemia e seus impactos na sociedade brasileira.

A realização de um trabalho analítico acerca da Covid-19 e de seus contornos pandêmicos mostra-se relevante no que concerne à poesia, tendo em vista que, no campo da produção literária em prosa, alguns pesquisadores já têm buscado refletir sobre a temática com foco em contos e crônicas, a exemplo de Aguiar (2020; 2021). Assim, o presente artigo objetiva compreender de que modo a pandemia de Covid-19 tem sido representada em obras poéticas no Brasil. A recente crise sanitária global provocada pelo surgimento do novo coronavírus é uma questão que, com efeito, encontra-se presente na produção de diversos poetas brasileiros.

Um sucinto levantamento evidencia que, como já indicado por Moriconi (2021), há um significativo conjunto dessa chamada “literatura da pandemia”. São alguns exemplos o livro de

poesia São Paulo, 24 de março de 2020, de Horácio Costa (Editora Patuá/Editora Fractal, 2021); as antologias poéticas *Poesia Para Pandemia*, organizada por Paulo Sabino, e *Quarentena em Versos*, organizada por Mariana Janaina dos Santos Alves – ambas publicadas pela Editora Autografia, em 2021; *Diário poético da quarentena*, livro de poemas de Cassio Rodrigues (Caligo, 2020); e o recente *A geração que esnobou seus velhos*, primeiro livro de poemas de Ricardo Lísias (Oficina Raquel, 2022). Ainda, a editora Urutau é responsável pela publicação, em 2021, de outros títulos que tangenciam a temática: *Pílulas sobre a quarentena (e fim do mundo)*, do poeta Duique, e *Quarentenário & desjejum*, de Lucas Augusto da Silva.

Diante da vastidão de obras que, de alguma forma, abordam a pandemia do novo coronavírus, dois poemas serão analisados no presente artigo. São eles “XXII”, de Raquel Reis (2021), publicado em *A dor cotidiana*, e “Abertura”, de José Antônio Cavalcanti (2021), publicado em *A era das manadas*. São obras que contribuem para o entendimento, ao menos inicial, de algumas questões: diante de um fenômeno global, mas também particular, o que a poesia brasileira tem expressado acerca da pandemia? E como são expressos os sentidos incrustados na matéria verbal dessa literatura? Dada a urgência e os marcantes impactos da Covid-19, tais perguntas se mostram pertinentes para os Estudos Literários e outras áreas do saber.

Asfixia e impotência diante da tragédia

A dor cotidiana é o primeiro livro de Raquel Reis (2021) e foi publicado em 2021 pela editora Patuá. A obra é composta por 35 poemas, em sua maioria ausentes de título, numerados por algarismos romanos. O poema que será analisado é o de número “XXII” e faz referências à pandemia de Covid-19, ele é um dos únicos na obra em que a temática é trazida à baila, ainda que não nominalmente. Como poderá ser constatado adiante, o texto revela elementos deveras conhecidos do período pandêmico, permeados pela interioridade do eu lírico e pela exterioridade de uma dimensão social.

Tento andar e respirar
Andar e respirar, porém me sufoca
A máscara me sufoca
No instante desse pensamento
Percebo
Não somente a máscara me sufoca
Me sufoca a incerteza
Me sufoca o desprezo
A pilha de mortos
Sobre mim
Me sufoca
O que mais me sufoca além da máscara?
A impotência de transformar
(REIS, 2021, p. 40).

Observa-se no poema de Raquel Reis (2021) o que talvez seja um dos principais símbolos da pandemia: a máscara de proteção respiratória. Ela desempenha significativo papel na expressão da subjetividade do eu lírico, atuando como uma espécie de ponte entre a percepção interiorizada de si e a percepção do mundo que o cerca. Assim sendo, a máscara mobiliza sentimentos e sensações pessoais, entrelaçados com uma dimensão social que evidencia questões externas aos limites do eu lírico.

A máscara provoca no eu lírico alguns cerceamentos, como a dificuldade ou a impossibilidade de andar e de respirar. A expressão “andar e respirar” é repetida duas vezes, nos dois primeiros versos. Já a expressão “me sufoca” é reforçada ao total de 7 vezes, tomando relevância em toda a extensão do poema e deixando evidente a repetição da tentativa de provocar mudanças nesse quadro limitante. Em resumo, a tentativa de movimento e de respiração é reiterada por essa repetição. Trata-se de uma tentativa que não encontra êxito devido ao uso da ferramenta protetora (“A máscara me sufoca”).

Contudo, o elemento da “máscara” é utilizado para discorrer sobre outros “sufocamentos”, não necessariamente causados por algum tipo de obstrução das vias respiratórias. Esse sufocamento do eu lírico é provocado não apenas pelo uso da máscara protetora, mas pela “incerteza”, o “desprezo”, a “pilha de mortos” e a “impotência de transformar”.

Diego Armus (2020) aponta que a experiência pessoal e coletiva de algumas epidemias do passado foi retratada por meio de histórias e de relatos diarísticos que apresentavam um mundo marcado pela incerteza. Em relação a atual pandemia de Covid-19, o autor discorre que “em meio a um mar de incertezas de todos os tipos, essa epidemia está sendo narrada desde uma infinidade de perspectivas” (ARMUS, 2020, p. 109, tradução nossa)². As “narrativas” consideradas pelo autor dão conta de uma amplidão de gêneros literários e textuais – ensaios, artigos de opinião e outros variados textos disseminados em meios de comunicação impressos e digitais, postagens em redes sociais etc. Entretanto, sua consideração lança luz sobre uma questão relevante: os variados olhares acerca de uma epidemia ou pandemia, seja as do passado ou as do tempo recente, são perpassados pela experiência da incerteza.

Ainda que não tenha um estreito compromisso com o ato de “narrar uma história”, a poesia, enquanto local privilegiado da expressão humana, também é perpassada pelo sentimento de indefinição decorrente de eventos tão trágicos quanto a recente crise sanitária, tendo em vista que “a pandemia é uma dramática experiência popular de vida, tal como a de uma geração que experimenta uma guerra em sua própria terra” (PIRES-ALVES, 2020, p. 230). Tal constatação se faz visível no poema de Raquel Reis (2021), em que a incerteza é apresentada como um dos fatores de sufocamento do eu lírico.

Este artigo foi elaborado em 2023, período posterior ao surgimento de vacinas, à ampliação do alcance imunitário e à diminuição do número de mortes e internações decorrentes da

2. Citação original: “En medio de un mar de incertidumbres de todo tipo, esta epidemia está siendo narrada desde infinidad de perspectivas” (ARMUS, 2020, p. 109).

Covid-19. O tempo presente pode ser o de menos incertezas, ainda que com inúmeras e longevas marcas em diversas esferas da sociedade, mas o da escrita do poema revela um período imerso na indefinição. Nesse sentido, a atual pandemia é dotada não apenas de contornos globais e nacionais, mas também íntimos e subjetivos, onde “nos encontramos irremediavelmente com os nossos corpos e vasculhamos nossos tempos vividos e por viver, na expectativa de uma sobrevivida incerta” (PIRES-ALVES, 2020, p. 228).

Junto à incerteza, o eu lírico indica o “desprezo” como outro agente do sufocamento. O alvo do desprezo não está explícito no poema, porém toda a sua carga semântica abre a possibilidade para o estabelecimento de uma relação com o desprezo com que a Covid-19 foi enfrentada pela sociedade brasileira, seja pela condução questionável das políticas preventivas por parte do Estado, seja por setores sociais avessos à imunização, seja pela displicência com o respeito às normas de isolamento social ou qualquer outra ação de descaso com a emergência e a gravidade da crise.

Nesse sentido, é necessário ter em vista que a pandemia de Covid-19 no Brasil contou com aspectos particulares, alguns observados na realidade de outros países. Como criticamente observa Joel Birman (2021), entram em cena a postura negacionista do ex-presidente Jair Bolsonaro e suas transgressões das proibições sanitárias, além de outras problemáticas que fazem da condução política da pandemia no Brasil ser passível de reprovação. Assevera o autor que o ex-governante escancarou a sua indiferença perante à crise, “a sua insensibilidade e o seu desprezo explícito, no que concerne à montanha de óbitos do país, enterrados em condições deploráveis, muitas vezes sem qualquer ritual de luto realizado por familiares e amigos e em fossas coletivas” (BIRMAN, 2021, p. 128).

É possível que o “desprezo” indicado no poema de Reis (2021) encontre alguma reverberação na mesma crítica tecida por Birman (2021). O desprezo que sufoca o eu lírico seria, portanto, o que ignora as inúmeras problemáticas que envolveram o quadro da saúde pública do país no decurso da pandemia. Isto se constata nos versos “A pilha de mortos/ Sobre mim”, que fazem referência aos elevados índices de mortalidade em decorrência da Covid-19.

A “pilha de mortos”, outra causadora do sufocamento, revela a profunda sensibilidade do eu lírico, que se vê soterrado pela massiva mortalidade, comprimido pelo peso da morte, e não apartado ou indiferente diante da tragédia circundante. E nessa sensibilidade encontra-se, ao lado do sufocamento, a marca da imobilidade. Há uma tentativa de “respirar” e “andar”, como é possível constatar nos dois primeiros versos. Ou seja, não apenas a respiração é afetada pela incerteza, o desprezo, a morte em larga escala e a “impotência de transformar”, mas também o movimento. A asfixia e a imobilidade são sentidas com intensidade pelo eu lírico, haja vista a significativa repetição do verbo “sufocar” e o modo como ele percebe o peso do mundo.

A “impotência de transformar”, no último verso, acaba por sintetizar a aflição experimentada pelo eu lírico ao longo de todo o texto, pois perante diversas problemáticas, ele não pode ou não consegue contribuir para solucioná-las. Existe, então, a incapacidade de ação. Imobilizado e asfixiado, sente-se impotente diante da tragédia, impossibilitado de transformar o

que o perturba. Desse modo, o que irradia do poema de Raquel Reis (2021) é a expressão reiterada de uma aflição, de um desejo não concretizado de transformação e de um cerceamento que impede a vida de respirar e seguir com plenitude.

Como observado no princípio desta análise, o poema parte da máscara de proteção respiratória para expressar tanto uma dimensão social da pandemia de Covid-19, quanto uma dimensão subjetiva desses tempos incertos e desprezados pela irresponsabilidade política. Esse movimento entre a exterioridade do mundo e a interioridade do eu lírico, e entre a indignação e a impossibilidade de provocar mudanças, também se faz presente, mas com outros contornos, no poema de José Antônio Cavalcanti (2021).

Entre vermes, vírus e solidão

O poema “Abertura”, de José Antônio Cavalcanti (2021), foi publicado no livro *A era das manadas*. Ele integra a coleção “Burguês Assustado”, editado pela editora Urutau sob o selo Hecatombe. A obra totaliza 30 poemas, separados em três partes: “Das manadas”, “Zona de abate I” e “Zona de abate II”. O texto que será analisado encontra-se na segunda parte e é um dos únicos do livro a fazer referências à crise sanitária provocada pelo novo coronavírus. Ele pode ser consultado a seguir:

Agora
a Caixa de Pandora
completou a atualização.
Vermes no governo
vírus
em toda parte
solidão.

Velhos e novos
males,
e as minhas mãos decepidadas
já não podem
ser lavadas
(CAVALCANTI, 2021, p. 27).

Um primeiro ponto a ser destacado no poema de Cavalcanti (2021) é a presença de Pandora, personagem oriunda da mitologia grega. Após roubar o fogo dos deuses e entregá-lo à humanidade, Prometeu é acorrentado em uma coluna e passa a ter o fígado devorado por uma águia todos os dias, como resposta a sua desobediência. O titã é salvo por Hércules, que o liberta dos grilhões e mata a águia devoradora, entretanto, o castigo pela desobediência de Prometeu não cessa após essa libertação. Com isso, Zeus pede a seu filho Hefesto que modele uma mulher com qualidades semelhantes às dos deuses imortais. A criatura moldada em argila recebe dos

deuses um atributo particular: de Atenas, a arte da tecelagem; de Afrodite, a beleza e o desejo impetuoso; de Hermes, a imprudência, o fingimento e o cinismo. Zeus, então, oferta Pandora e um jarro com tampa como presente de núpcias a Epimeteu, titã irmão de Prometeu. Nesse jarro – que em outras versões do mito é tido como uma “caixa” – continham as calamidades, as doenças, a fadiga, dentre outras desgraças. Por curiosidade e contrariando precauções, Pandora destampa o jarro e deixa sair todos os males do mundo. Rapidamente, ela volta a tapar o jarro, deixando presa a esperança. Assim sendo, a degradação e todos os males da humanidade tiveram origem, portanto, com o ato transgressor de Pandora (BRANDÃO, 1986).

A expressão “caixa de Pandora” é correntemente utilizada para indicar ações, por vezes impensadas, que provocam consequências danosas e incontornáveis. O poema de José Antônio Cavalcanti (2021) não foge a essa perspectiva. Aqui, os efeitos da abertura da caixa são atualizados: “Agora/ a Caixa de Pandora/ completou a atualização”. Essa “atualização” evidencia que o mito grego é lido, no poema, a partir de uma concepção atual das desgraças contidas na caixa descerrada. O poeta recupera o mito grego de Pandora para lhe dar um sentido contemporâneo.

A abertura da caixa deixa escapar os “vermes no governo”, o “vírus” e a “solidão”. São três elementos significativos para o entendimento acerca das percepções sobre a pandemia de Covid-19. No primeiro, identifica-se uma nítida referência a situação política do país. Há um jogo semântico que impulsiona a crítica social: os vermes são seres parasitários e que, assim como os vírus, são causadores de doenças. Todavia, a menção aos vermes é perpassada por um sentido pejorativo e semanticamente ambíguo, indicando a própria qualidade dos integrantes do governo: desprezíveis e danosos, os “vermes no governo” são um dos males que escaparam da caixa de Pandora.

Como observado, há no poema de Raquel Reis (2021) uma crítica implícita ao “desprezo” com que a Covid-19 foi enfrentada pela sociedade brasileira. Em “Abertura”, a dimensão social se faz mais perceptível e encontra na gestão do ex-presidente Jair Bolsonaro o seu alvo de crítica. A gestão e a condução da pandemia pelo político, que presidiu o Brasil de 2019 a 2022, recebeu críticas de diversos setores sociais, nacionais e internacionais, e ficou conhecida por uma série de problemáticas que colocaram em risco a saúde pública – questão aqui já apontada a partir de Birman (2021). O poema de Cavalcanti (2021) lida com essa crítica ao qualificar de “vermes” o governo Bolsonaro, colocando-o como um dos males saídos da caixa de Pandora.

Nesse cenário desolador, o “vírus” está “em toda parte”. Se a pandemia é principalmente referenciada pela “máscara” no poema de Reis (2021), em “Abertura” a presença do novo coronavírus é mais explícita e evidencia a sua vasta extensão no que diz respeito aos seus impactos. Ou seja, o vírus não apenas existe, como está “em toda parte”, onipresente, atingindo em larga escala. Contudo, o *enjambement* e a ausência de pontuação nos versos “vírus/ em toda parte” dão certa ambiguidade na leitura, em que pode indicar que, além do vírus, também está “em toda parte” a “solidão”.

Seja a solidão sentida pelo eu lírico, seja ela vivenciada de modo amplo pela sociedade, este estado de espírito foi possivelmente um dos mais experimentados pela ocasião do isolamento social e do distanciamento físico necessários para a contenção da disseminação do vírus. São notórios os impactos da pandemia nas relações interpessoais e na vida social como um todo. Conforme elucidada Joel Birman (2021), a crise da Covid-19 também subverteu o sistema de normas corporais e subjetivas dos sujeitos, tendo em vista a interdição das normas de saúde em relação à proximidade dos corpos. Toques, beijos, carícias e outros gestos foram interditados, o que provocou impactos na subjetividade humana e afetou principalmente os países latino-americanos: “nos afeta bem mais do que aos indivíduos de países norteados pelas tradições anglo-saxônica, nórdica e asiática, onde o distanciamento corporal já estaria instituído cultural e socialmente” (BIRMAN, 2021, p. 91).

A abertura da caixa de Pandora, portanto, liberou também a solidão, além do vírus e dos “vermes” governantes. Este ponto faz com que o poema não se volte unicamente a uma dimensão social. Ainda que a crítica social se faça patente, há uma percepção íntima e subjetiva de um eu lírico perante a realidade que o cerca. No poema de Cavalcanti (2021) a solidão é expressa pontualmente, não sendo trabalhada ao longo de sua extensão. Isto faz com que o sentimento desse eu lírico seja mais latente do que o do eu em “XXII”, de Raquel Reis (2021), em que o incômodo do sufocamento é reforçado em quase todos os versos. Em suma, há uma carga crítica muito maior no poema “Abertura”, e há uma carga subjetiva muito maior em “XXII” – o que não descarta o lirismo do poema de Cavalcanti (2021), tampouco a criticidade do de Reis (2021). São poemas que buscam compreender e representar a realidade circundante de maneiras e tonalidades distintas.

Na segunda estrofe, nota-se que os males libertos da caixa, pelas mãos de Pandora, são “velhos” e “novos”. Males já existentes e outros recém-chegados. Diante deles, as “mãos decepadas” encontram a impossibilidade de uma ação, não podem ser lavadas, pois já não existem mais – foram decepadas. Dada a natureza polissêmica da linguagem poética, o poema proporciona variadas leituras, mas duas delas serão delineadas no presente artigo.

Uma delas diz respeito à expressão popular “lavar as mãos”, que indica o ato de isenção de uma responsabilidade, ou de uma decisão difícil e suas consequências. Ela remonta a atitude da figura bíblica de Pôncio Pilatos que, ao lavar as mãos, deixa para o povo a decisão do julgamento de Jesus Cristo, que acaba sendo crucificado no lugar do Barrabás (Mt. 27:24). Nessa leitura, as “mãos decepadas”, presentes no poema “Abertura”, indicariam a impossibilidade de se ausentar da responsabilidade. Isto é, o eu lírico não pode mais “lavar as mãos” diante dos males soltos da caixa, pois elas foram decepadas, são inexistentes. Contudo, é preciso fazer algo. E como fazê-lo sem as mãos? Essa perspectiva demonstraria que a situação da realidade é vista como algo incontornável e que já não pode ser desprezada. Algo se perdeu e, diante das ausências, há um mundo repleto de desgraças.

A outra leitura se distancia da perspectiva anterior. Dado o contexto do poema, em que a pandemia de Covid-19 é trazida de maneira perceptível, o ato de “lavar as mãos” pode não estar conectado a uma isenção de responsabilidade, mas à própria prática higiênica. A higienização das mãos foi uma das principais recomendações feitas por órgãos nacionais e internacionais de saúde durante a crise sanitária, a fim de evitar a propagação do vírus e diminuir os índices de infecção. Nessa perspectiva, as “mãos decepadas” indicariam uma ausência de controle sobre a situação da caixa aberta. As mãos do eu lírico – “minhas mãos” – foram decepadas e a sua lavagem se tornou uma ação impraticável. Torna-se, assim, vulnerável a todos os males que o circundam.

Entretanto, ainda que distintas, ambas as leituras convergem em um ponto: nos versos “e as minhas mãos decepadas/ já não podem/ ser lavadas.”, revestidos de certa tonalidade pesarosa, é nítido o sentimento de perda e de impossibilidade. Seja a impossibilidade de ausentar-se das responsabilidades ou de proteger-se do vírus, o eu lírico exprime a inviabilidade de uma ação. “Lavar as mãos”, isto é, isentar-se da responsabilidade, já não é uma opção; ou, “lavar as mãos” para proteger-se dos males já não é possível: as duas leituras confluem para uma impossibilidade sentida pelo eu lírico diante da catástrofe ao seu redor. Diante da incapacidade de ação, não há controle ou segurança sem as mãos que foram decepadas. Há algo perdido em um cenário incontornável.

Como observado em análise anterior, o poema de Raquel Reis (2021) trabalha um sentimento de aflição por meio da repetição da expressão “me sufoca”, o impedimento da plena respiração, além de exprimir um desejo não concretizado de transformação de uma realidade atravessada pela “incerteza”, o “desprezo” e a “pilha de mortos”. O eu lírico não consegue promover mudanças, pois sente-se impotente. Essa sufocante “impotência de transformar”, presente no eu lírico de “XXII”, de certa forma, dialoga com os sentimentos de impossibilidade e de perda trabalhados no poema de Cavalcanti (2021). Em ambos os poemas, a catástrofe – da “pilha de mortos” ou oriunda da abertura da caixa de Pandora – é a mesma: a crise sanitária provocada pela pandemia de Covid-19 e o descaso social e/ou político. Se em Reis (2021) a impotência impossibilita a transformação, em Cavalcanti (2021) há a impossibilidade de uma ação, de ausentar-se das responsabilidades ou de proteger-se do vírus, decorrente de uma perda (“mãos decepadas”). E, assim como o eu lírico em “XXII” tem algo de perdido – a respiração e o fôlego –, em “Abertura” as mãos foram perdidas pelo golpe que as decepou. Algo se perdeu: o ar ou a capacidade de controle. E, por essa perda, algo se torna inviável: andar, respirar, isentar-se, proteger-se.

Diante de um fenômeno global tão marcante quanto a recente pandemia de Covid-19, o que pode ser observado nos poemas de Raquel Reis (2021) e de José Antônio Cavalcanti (2021) é um sentimento de sufocamento, de perda, de impotência, de solidão, em um movimento entre a exterioridade do mundo e a interioridade do eu lírico, e entre certa indignação e a impossibilidade de provocar mudanças. Portanto, ambas as obras expressam criticamente uma dimensão social da pandemia de Covid-19, marcada pelos milhares de óbitos e pela displicência social e/ou governamental, e também uma dimensão subjetiva revestida pela incerteza e a solidão. Em tempos trágicos e incertos, há sempre algo que se perde ou que não se concretiza.

Considerações finais

As doenças, as epidemias e as pandemias podem não ser as principais temáticas trabalhadas pela literatura, como constatado por Virginia Woolf (2021), mas não estão completamente ausentes em romances, contos, crônicas e poemas. É certo que a autora não tenha se deparado com inúmeras obras sobre doenças, lançadas posteriormente à publicação de seu ensaio *On Being Ill*, de 1930. Além disso, a relação que estabelece entre a “qualidade mágica” da poesia e o estado doentio também merece um olhar aprofundado. De todo modo, Woolf (2021) tenta compreender como a poesia está relacionada com a enfermidade e esse exercício estimulou a elaboração do presente artigo, que busca identificar os sentidos acerca da pandemia de Covid-19 com base na análise de poemas escritos por autores brasileiros.

Os poemas “XXII”, de Raquel Reis (2021), e “Abertura”, de João Antônio Cavalcanti (2021), foram aqui selecionados como objeto de investigação, diante de outras tantas obras poéticas localizadas nesse conjunto que Moriconi (2021) denomina de “literatura da pandemia”. Ambos possuem particularidades, são distintos os modos e os recursos adotados pelos poetas na condução do trabalho estético, mas confluem na expressão de um semelhante sentimento de perda e de impossibilidade, que pode ser um indício de como a poesia brasileira contemporânea tem representado a recente crise sanitária provocada pelo surgimento da Covid-19.

Os poemas analisados apresentam um mundo em colapso, um mundo incerto que sufoca por sua “pilha de mortos”, habitado por “vermes no governo” e vírus “em toda parte”. Em ambos os textos, mas em graus diferentes, o mesmo olhar crítico sobre o “desprezo” com a vida, e, mais diretamente, sobre o posicionamento político do governo vigente durante a pandemia. Uma crítica aludida em Reis (2021) e explicitada em Cavalcanti (2021).

Por outro lado, a dimensão externa e social trabalhada nos poemas divide espaço com uma dimensão mais interiorizada, que busca na expressão de sentimentos, tais como a aflição, a impotência e a solidão, evocar uma perspectiva mais subjetiva da realidade circundante. Em Reis (2021), é notória a sensação de angústia que atravessa o eu lírico, haja vista o repetitivo sufocamento que lhe aflige. Em Cavalcanti (2021), o eu lírico dá maior ênfase à crítica social do que à solidão. Contudo, o mundo externo perpassa a interioridade de ambas as vozes poéticas.

Assim, considera-se que a literatura se apresenta como potente campo de expressão sobre um fenômeno que marcou, e continuará marcando, a vivência humana em sua complexidade. Compreender a Covid-19, tendo como objeto a poesia, pode contribuir para enriquecer a diversidade de reflexões e percepções acerca da pandemia e de seus impactos no fazer artístico e literário.

Referências

AGUIAR, Cristhiano. Primeiros casos de literatura com COVID-19. *Suplemento Pernambuco*, Recife, Cepe editora, n. 175, p. 12-17, set. 2020. Disponível em: https://issuu.com/suplementopernambuco/docs/pe_175_web. Acesso em 16 jan. 2023.

AGUIAR, Cristhiano. Espaços do isolamento, espaços do movimento: Covid-19 e o espaço narrativo nos contos de Carol Bensimon, Javier Arancibia Contreras e Sérgio Tavares. *Revista Abusões*, n. 15, ano 7, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/abusoes/article/view/55789/38223>. Acesso em: 16 jan. 2023.

ARMUS, Diego. Narrar la pandemia de Covid-19: historia, incertidumbres, vaticinios. In: SÁ, Dominichi Miranda de. *et al.* (Orgs.) *Diário da pandemia: o olhar dos historiadores*. 1 ed. São Paulo: Hucitec, 2020. p. 91-110.

BIRMAN, Joel. *O trauma na pandemia do Coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega, v. 1*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1986.

CAVALCANTI, José Antônio. Abertura. In: CAVALCANTI, José Antônio. *A era das manadas*. Bragança Paulista, SP: Editora Hecatombe, 2021. p. 27.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura & linguagem: a obra literária e a expressão linguística*. 3. ed. São Paulo: Quíron, 1980.

FONSECA, Leandro Noronha da. *HIV/aids e poesia contemporânea brasileira na antologia “Tente entender o que tento dizer”, organizada por Ramon Nunes Mello*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/4639>. Acesso em: 16 jan. 2023.

LAPLANTINE, François. *Antropologia da doença*. Trad. Valter Lellis Siqueira. 4 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

MORICONI, Italo. Ítalo Moriconi: “Já existe uma literatura da pandemia”. Entrevista cedida a Bolívar Torres. *O Globo*, Rio de Janeiro, mar. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/italo-moriconi-ja-existe-uma-literatura-da-pandemia-24933609>. Acesso em: 16 jan. 2023.

PIRES-ALVES, Fernando. Reflexões insones em noites epidêmicas. In: SÁ, Dominichi Miranda de. *et al.* (Orgs.) *Diário da pandemia: o olhar dos historiadores*. 1 ed. São Paulo: Hucitec, 2020. p. 226-231.

REIS, Raquel. XXII. In: REIS, Raquel. *A dor cotidiana*. 1. ed. São Paulo: Editora Patuá, 2021. p. 40.

RIBEIRO, Maria Izabel Branco. Arte e doença: imaginário materializado. In: MONTEIRO, Yara Nogueira; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Orgs.). *As doenças e os medos sociais*. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2012. p. 61-81.

SONTAG, Susan. *Doença como metáfora. Aids e suas metáforas*. Trad. Rubens Figueiredo; Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

WOOLF, Virginia. *Sobre estar doente*. Trad. Ana Carolina Mesquita. São Paulo: Editora Nós, 2021.